



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

O ANÃO SABICHÃO

PREPARA-SE PARA UM PASSEIO

Por ANÃO SABICHÃO — Desenhos A. CASTANE

O illustre director do Pim-Pam-Pum, aqui há tempos, falando do meu modo de vida, referiu-se ao misterioso meio de transporte de que eu me servia.

Efectivamente, inventei um avião sem motor que me dava uma certa comodidade, mas enquanto vivi muitos anos nos bosques sempre viajei nas ásas dos passarinhos e borboletas, meus amigos e conhecidos.

E' preciso que saibam que tenho o facilidade de me tornar, ás vezes, tão pequenino, tão pequenino, que até os insectos me podem levar.

Tambem me vosso transfor-

mar em vários bichinhos, conforme a minha conveniência.

Tomem, pois, cuidado!...

Quando virem qualquer môsca, a zumbir á roda de vocês, pensem sempre que pode ser o vosso amigo Anãozinho que, fiel á sua missão, se transformou assim, para poder dar fé do que se passa na vida dos meus meninos!

Ora, francamente, desta vez, comecei a sentir saudades das ásas que me transportaram a apetecidos passeios, e resolvi procurar qualquer passarôlo que estivesse pelos ajustes de me emprestar as suas ásas.

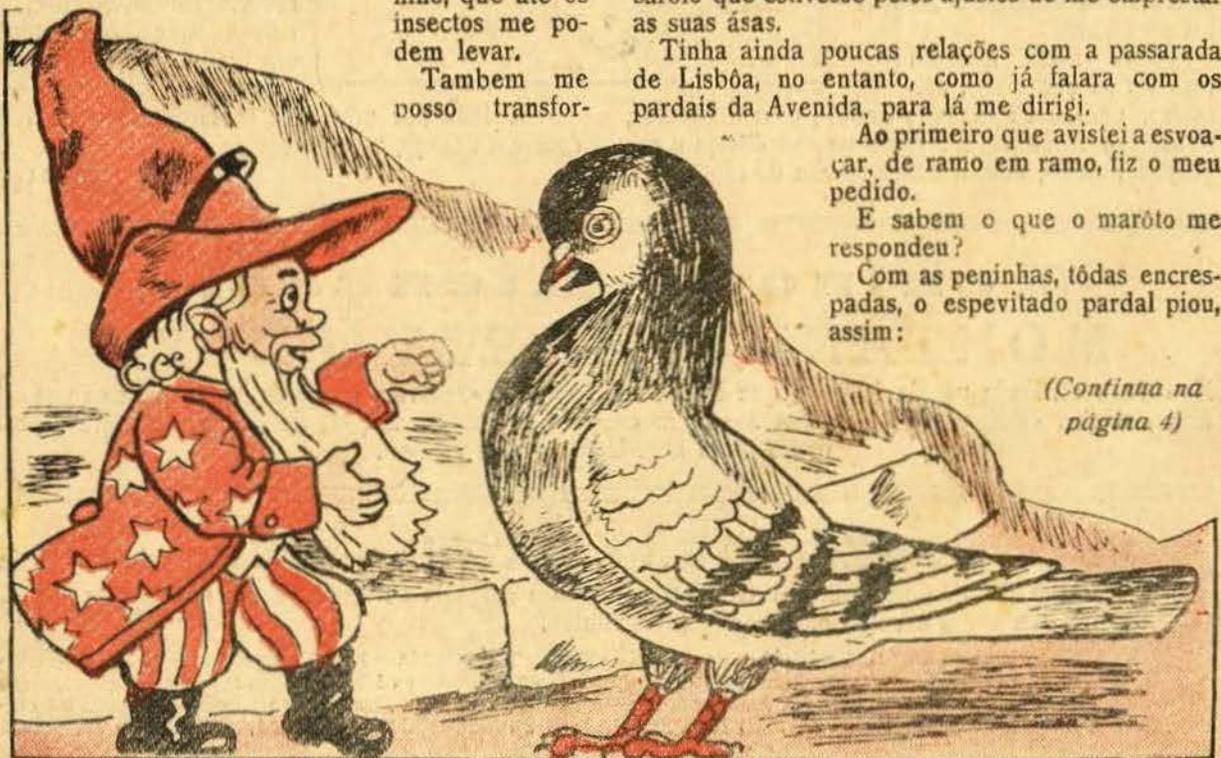
Tinha ainda poucas relações com a passarada de Lisboa, no entanto, como já falara com os pardais da Avenida, para lá me dirigi.

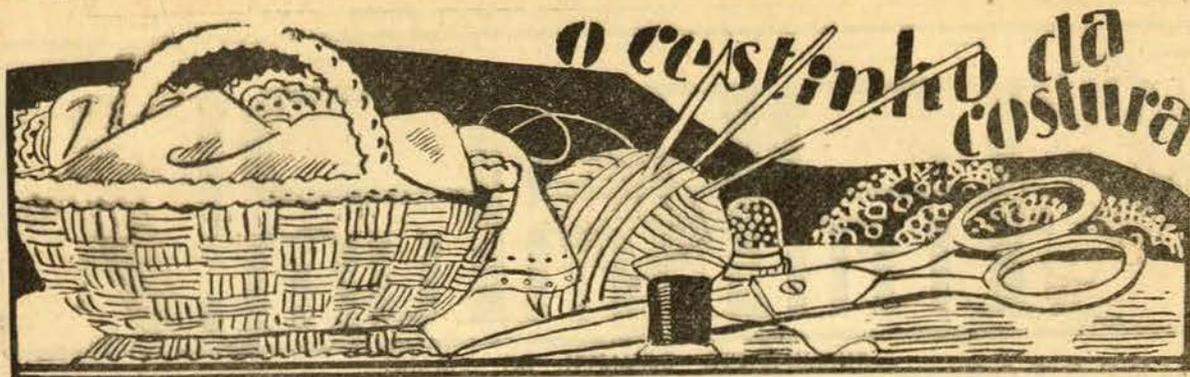
Ao primeiro que avistei a esvoaçar, de ramo em ramo, fiz o meu pedido.

E sabem o que o marôto me respondeu?

Com as peninhas, tôdas encrespadas, o espevitado pardal piou, assim:

(Continua na
página 4)





SECÇÃO QUINZENAL PARA MENINAS

Queridas discipulas.

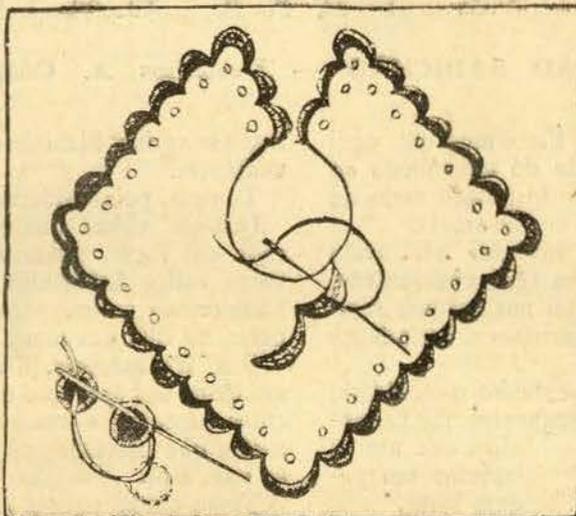
CHEGOU a vez ao «babette»! Trago-vos hoje um que nada tem de complicado, apenas uma inovação é nele introduzida: — a ilhós — mas creio bem que as vossas mãos, já habituadas ao recorte, hão-de executá-la sem dificuldade de maior.

Guarnece a nossa pequenina peça um recorte em toda a volta. Espero que já muitas das minhas discipulas tenham aprendido a fazer recorte, mas, aquelas que ainda não sabem, verão no desenho, em detalhe, como é se executa. Precisam, primeiro, passar duas linhas com ponto de alinhave, seguindo o contórno. Depois efectua-se como mostra a gravura.

Para fazer a ilhós tem de se contornar, primeiro, com um alinhave; depois, com o furadôr, abre-se a ilhós até á largura que se deseja e começa-se, então, com a mesma linha do alinhave a

fazer um cordão bem unido e da forma que o desenho indica.

O tecido que mais se presta para fazer este «babette», é o linho, mas também fica bonito em «nanzouk» ou «piquet»: Este último aconselho, de preferência, ás principiantes. É tão frequente vê-las repuxar o linho e franzir a obra! Ora como é mais rijo, não se presta tanto a essas pequeninas trapalhices, que aliás são muito desculpáveis nas vossas idades, mas que é preciso ir corrigindo. O bordado é feito com algodão brilhante branco, ou, então, se o «babette» fôr de côr, bordai-o da mesma côr mas num tom mais escuro. O pescoço é terminado, também, com um recorte miudinho e em cada extremidade põe-se, numa, um botão e, na outra, uma brida, caseada também.



E finda por aqui a lição. Despede-se de vós, com um abraço, a vossa amiga

ABELHA MESTRA

Meninos: — Atenção!... MONTANHA MARAVILHOSA

E o título da linda novela infantil, que ROSA SILVESTRE escreveu, expressamente, para os pequeninos, e que «Editorial-Século» pôs à venda, com magníficas ilustrações de Roberto de Araujo, ao preço de 5 ESCUDOS cada volume.

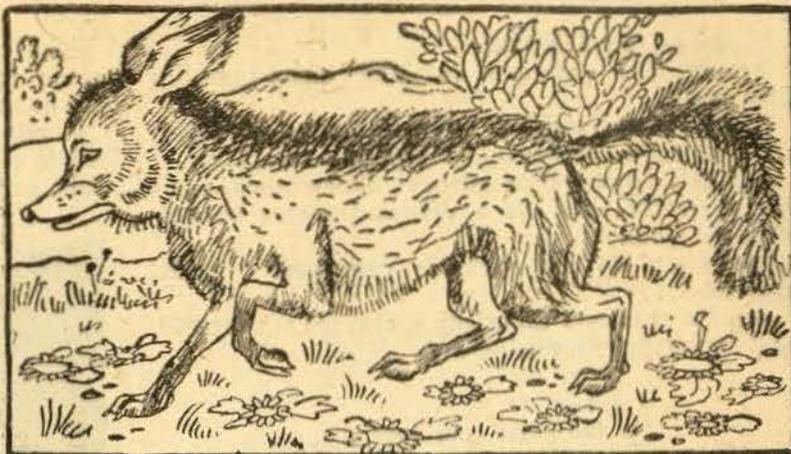
O lindo livro «**PRESENTE de NATAL**» que Editorial-Século acaba de pôr à venda e de que são autores Graciette Branco e Augusto de Santa-Rita, é constituído por 22 lindos contos em prosa e verso com os seguintes títulos:

— A boa estréla — Carta da Praia — A nossa Pátria — Teimosia castigada — O menino gabarola — O Farol — Luizinha — O Terror do passarinho — Hospitalidade — Uma menina feia — A resposta da Lili — Piedosa mentira — A garraçada — Alma delicada — Os ninhos — O Estudo — A carta anónima — A bolinha vermelha — Os nossos vizinhos — A raposa e o cordeirinho — A Natureza e Oração. — SÃO 104 PAGINAS, 10 ILUSTRAÇÕES, E CUSTA, APENAS, 5 Escudos

A RAPOSA FINÓRIA

POR ZÉ D'ALDEIA

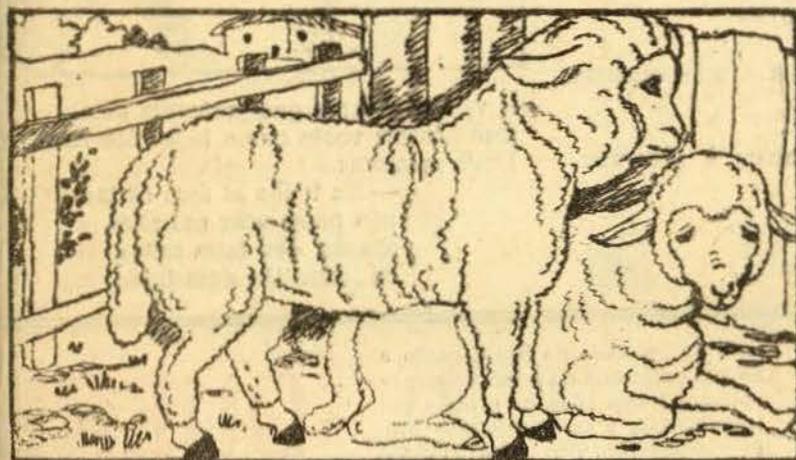
CERTO dia uma raposa,
Com fome de palmo e meio,
De morrer teve receio.
Como era fina, artilosa,
Pôs-se a descobrir o meio
De arranjar ceia gostosa...



Morava perto um pastor
Que tinha um grande rebanho...
Oh! se lhe roubasse um ânho,
Era uma ceia a primôr!...

Confundida entre os carneiros
E as ovelhas do rebanho,
Com «Mé-més» atrai o ânho
Aos seus dentes carniceiros!

Meus meninos, a moral,
Que neste conto fulgura,
E' que é preciso finura
Para o Bem, ou para o Mal!



Mas como o mal que se faz
Se paga sempre na vida,
A raposa volta atrás
E, com astúcia atrevida,
De novo assalta o redil!

Entanto, acorda o «Judeu»
E desta feita o ardil
De nada a ela valeu,
Pois, com vingativa febra,
O cão em cima lhe caí.

Arriscada era a façanha,
Visto êle ter um lebreu
Que se chamava «Judeu»
Com uma bôca tamanha!...

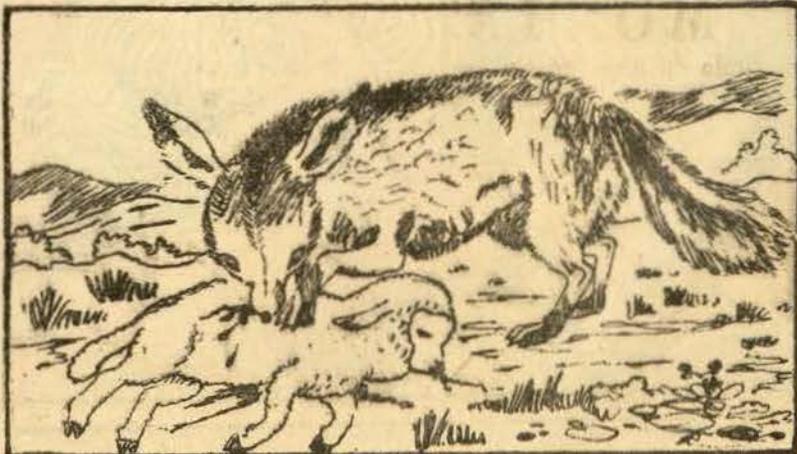
Num pulo põe-se a correr,
Sem que dê conta o «Judeu»,
E, lá bem longe, o comeu
Para à fome não morrer.

Tanta vez a bilha vai
A' fonte, até que se quebra.

■ F I M ■

— «Despistá-la, eis a artimanha,
(Logo pensou a matreira...)
Se a rapozinha lhe cheira
Dos seus dentes levo sanha!...»—

Vai-se chegando ao curral,
Pé ante pé, devagar,
Com receio de acordar
O seu terrível rival.



Chegada, pé ante pé,
Sempre de ouvidinho álferta,
Vê que a porta estava aberta,
Entra, e começa:— «Mé-mé!...»

— Como, com pouca pitaça, sem poder encher a pança, eu hei-de poder consigo, senhor Anão, meu amigo?

Fiquei de cara á banda!... Mas, de mim para mim, considerei que o pardalico tinha razão:

Um tal trinca-espinnhas não podia aguentar, mesmo com uma carga tão pequenina! Segui por ali abaixo.

No Rocio, ao vêr vários pombos a depenicarem, numa data de milho, logo fiz a mesma pergunta ao mais gôrdo de tódos.

Não fôsse tão mal sucedido como com o pardal magrizela!...

Mas êle espetou a cabecinha e, com um ar soberbão, muito entufado, retorquiu-me:

O quê?...

Eu não posso com você, que esta gente de Lisboa, caritativa e tão boa, têm-me enchido tanto o papo, que estou tão gôrdo e tão guápo. Não estou p'ra grandes viagens e não deixo estas parágens. Não o posso levar comigo, senhor Anão, meu amigo! —

Fiquei a meditar em como também é mau costume comer demasiado!...

Pensem nisto, meus amiguinhos!

Quando virem as travessas cheinhas, a abarrotar, nunca se alambazem!...

O resultado se viu, lá nos pombos do Rocio!...

O Anão Sabichão prepara-se para um passeio

(Continuação da página 1)

Vinha eu sempre a matutar neste meu desejo, quando voltava do Século, onde tinha ido entregar êstes trabalhos.

No alto da Rua D. Pedro V, topei um camarada Vicente aos pulinhos pela rua.

Olá, amigo côrvo, como caíste do céu!

Não presto mesmo p'ra nada!

Amigo, busque outro meio que êste não serve e é feio! —

E o côrvo, arrastando a perna, lá voltou para a taberna...

Já estava desalentado, quando me lembrei daquela



E vai, disse-lhe o que pretendia dêle. Que pensam vocês que o bicharóco respondeu? Desta maneira:

— Eu tenho as ásas cortadas, não posso voar nos altos, apenas dou êstes saltos, de forma tão desastrada.

águia que paira sôbre o monumento da Guerra Peninsular.

Só depois dei que ela era de bronze!...

Fiquei mêsmo desolado, mas ouvi perto, ao meu lado, um pardal dizer-me, assim:

— Amigo vá ao jardim, que é ali p'rás Laranjeiras, onde há águias verdadeiras. E, p'ra lá me encaminhei. Lá as vi, lá as achei!

Mas, p'ra nada me serviram, porque assim que elas ouviram o que eu delas pretendia, disseram em berraria:

— Tu estás doido, com certeza! Aqui, temos cama e mesa, criados, vida agradável, e, então, p'ra te ser agradável, havêmos de abandonar tal situação, tal lugar? Ó Anãozinho, estás tólo! Tu padeces do miólo!...

Foi então que a gralha, que tudo ouvira, me disse, lá da sua gaiola:

— Se queres ir a todo o pano, escolhe antes um aeroplano. P'ra um Anão civilisado, é o que está indicado. —

Na verdade, aquele conselho da Comadre Gralha era razoavel e, um tanto vexado pelo meu capricho, tratei de arranjar êsse meio de transporte, onde dei uma passeiata que vos contarei noutra ocasião.

■ F I M ■

Os pais de Ema estavam viajando por longe, no estrangeiro, e tinham-na confiado, durante a prolongada ausência, aos cuidados da velha avó e de uma tia.

Todas as manhãs as duas velhinhas preparavam o lanche que ela devia levar para o colégio e reparavam se lhe faltava alguma coisa.

Ema era inteligente e dócil, nunca lhes dera um desgosto; confiavam, pois, no seu caracter recto e

leal, na bondade do seu coração e na sua aplicação ao estudo. Sempre obtivera notas boas no colégio que frequentava, e onde, desde a própria directora que tinha por ela uma particular simpatia e amizade, professoras e condiscipulas a estimavam.

Ema era merecedora de tudo isso. Os seus dotes físicos e morais faziam dela uma criança encantadora; pena era que tivesse a contrabalançar com todas as suas qua-

QUERER É PODER

Por FERNANDA DE MATOS E SILVA — DYNETTE

lidades, dois grandes defeitos—era preguiçosa e faladora.

Todos os dias era castigada nas aulas por estar com pouca atenção ao que diziam as professoras, falando, falando sempre, ora com uma, ora com outra amiguinha.

Na aula de inglês até já lhe chamavam «chatter box» o que quere dizer, pouco mais ou menos, «éga rega», e, na verdade, ela era um verdadeiro realejo, cochichando sempre sem descanso.

A's vezes, entre um rebanho de belas rézes sãs e mansas, encontra-se uma ovelha má, uma ovelha ranhosa; como dizem os pastores. Pois, entre o grupo das meninas ajuizadas e estudiosas do seu colégio, havia uma má, não só para si, como para as outras pequenas, pois os maus exemplos têm, infelizmente, muita força de atrac-

ção. A amiga íntima de Ema, era, infelizmente, essa pequena revolucionária e mandriona, sua companheira de carteira e brinquêdos.

Olímpia, assim se chamava ela, era faladora e indisciplinada, além dos seus muitos outros defeitos, e Ema, encantada por ter com quem desabafar a sua vontade constante de dar á língua, não prestava atenção nenhuma ás lições. Ela, que fôra uma das primeiras alunas da sua classe, deixou de competir com as estudiosas na gloriosa batalha do estudo, e, em breve, começou a inspirar sérios cuidados ao seu professor de Português.

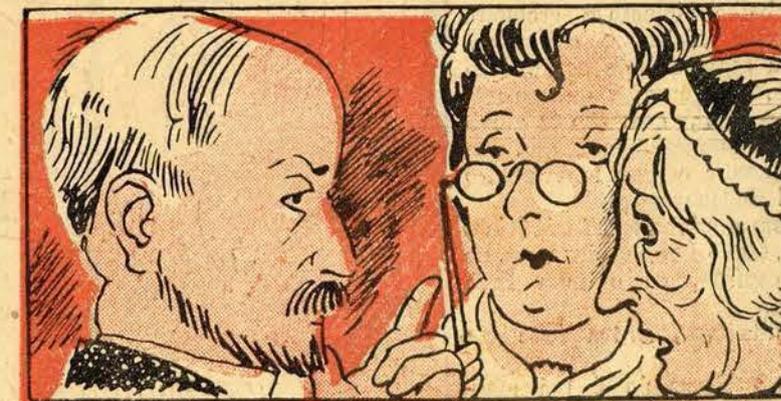
Os pais de Ema, ao partirem, tinham-no ido visitar e expôr-lhe os seus desejos de verem a filha fazer exame nesse ano, ao que o professor se comprometera, confiado nas boas disposições de inteligência

que notara, há muito, na discipula. Era, pois, grande a responsabilidade que pesava sobre os ombros do sr. Professor, e êle, após um mês de infrutíferos esforços para levar a pequena ao bom caminho, resolveu ir contar o que se passava á avó de Ema.

Uma tarde, a pequena lia, sossegadamente, um lindo livro de contos que a tia lhe dera pelos anos, quando retiniu lá dentro a campainha da porta da rua. Indiferen-

te a tudo o que não fôsse a agradável leitura, deixou-se ficar, indolentemente, sentada a lêr, despreocupada e contente.

Na sala, o velho Professor, narrava, com voz penalizada, o que se passava, e a pobre avó, terrivelmente desiludida e desgostosa, ouvia-o, consternada e triste, enquanto a velha tia Emília chorava em silêncio. Até a Julia, que com a familiaridade que os longos anos ao serviço da casa lhe permitiam,





e que se deixara ficar na sala, tinha exclamações ora tristes, ora indignadas.

A avó, enérgica e severa, quiz dar uma lição á delinquente.

Chamou-a, sem lhe dizer quem estava na sala.

Ema acorreu pressurosa, pensando serem notícias dos pais, que escreviam amindadas vezes cartas cheias de interesse, descrevendo peripécias de viagem, mas parou, confusa e assustada, ao vêr o seu Professor.

Pelas caras da avó e da tia, compreendeu o que se passava, e, cheia de vergonha, quiz fugir mas a avó, quasi sempre tão indulgente e amiga, prendeu-a por um braço com firmeza, inexoravelmente.

— Então a menina tem vergonha de aparecer diante do seu professor, e não tem vergonha de ser uma preguiçosa? perguntou, fitando-a, com ressentimento.

Então, Ema com as faces banhadas de lágrimas, mas de cabeça erguida, prometeu, estendendo a mão como para um juramento:

— Esteja descansada, avózinha? estejam todos descansados que eu hei-de fazer exame este ano... e ficarei distinta!

Havia tanta energia no seu rosto franco, tanta commoção na sua voz sincera, que todos a rodaram abraçando-a.

* * *

Passaram-se dois meses de estudo aturado e pertinaz.

Nas aulas, Ema escutava atentamente e anotava; os seus lábios estavam selados por um juramento, os olhos, brilhantes de inteligência, cravados nos livros, não se desviavam para ninguém.

Para não succumbir á vontade de tagarelar, pediu ao Professor que lhe desse um lugar longe de Olim-

pla, a qual deixou de lhe falar, despeitada.

Chegaram os pais da sua viagem, quasi nas vésperas do exame e, sem suspeitarem do que se passara na sua ausência, diziam á filha que, dentro das malas, de conteúdo misterioso, traziam muitas cousas para a premiar se se saísse bem do seu exame, como esperavam.

Escusado será dizer que a avó e a tia Emilia confiavam plenamente na palavra dada, embora temessem um pouco, em virtude do escasso tempo de que Ema dispuzera para se preparar.

Chegou, por fim, o dia do exame. Ema prestou as suas provas, — e, com justificado orgulho, declarou, ao chegar a casa, acompanhada do velho Professor:

— «Cumri a minha palavra, avózinha, trago-lhe uma distincção com louvor.»

A alegria de todos foi indiscritível. Felicitaram-na, encheram-na de presentes, e, para premiar o seu esforço e a sua força de vontade, foi, ao chegarem as férias, com os pais, dar uma volta ás mais lindas provincias do nosso maravilhoso Portugal.

Daf em diante, foi estudiosa e comedida, dando a seus pais tantos motivos de alegria e orgulho que a tornaram feliz, pois, em todos os momentos difíceis da sua vida, se encheu de coragem para vencer os obstáculos de que ella é cheia, partindo sempre do principio de que—
Querer é Poder?

F I M

DESTINOS

NOVELA INFANTIL
POR GRACIETTE BRANCO

Continuado do número anterior

— «Não negues Fernando. Sei que não és meu amigo, e, apenas o não és, porque eu sou um pobre pescador, de modo rude e selvagem; porque te dou um lar miserável; porque te indico, apenas, o caminho do trabalho mas do trabalho violento e grosseiro de pescar tainhas e carapaus...

Tu sempre foste assim, Fernando. Tu pensavas que eu não dava por ti, que não te adivinhava o temperamento, que não sabia sentir o que tens dentro de ti! Enganavas-te!

Com a minha aparência feia e boçal, tenho lido, há dez anos, no teu espirito, como num livro aberto.

Muita vez, a tua Mãe me dizia:

— O Fernando é um mandrião!

Eu não gostava de a ouvir,

mas calava-me. Obrigava-te a seguir-me no mar, para ir empatando o tempo, mas, aqui dentro, no coração, tinha pena de ti e pensava, ainda, poder dar-te um dia, um destino diverso.



Os homens do mar, os velhos pescadores, são assim... Envelhecem na esperança de que, um dia, o mar, lhes dê um presente das suas riquezas, de que as rédes surjam, um dia, atulhadas de tesouros...

Era sempre nessa velha esperança que o teu pai ia empatando o tempo...

Mas o tempo vai-me matando lentamente e eu continuo a ver-te roto e esfarrapado, tendo, apenas, dentro de ti, uma chama doirada que te vai queimando a vontade, destruindo a energia. Não chores, Fernando. Eu sou muito teu amigo.

Pela primeira-vez na vida, Fernando sentia-se quasi feliz. Tinha, junto de si, uma voz carinhosa e amiga, um espírito suave que o compreendia, e esse espírito e essa voz eram de seu Pai, do velho Tio Pescada, daquele santo velhinho que vestia uma couraça de ferro aos olhos dos seus iguais!

... Chorando silenciosamente, Fernando beijava-lhe as mãos e o pobre velho acabou por chorar também.

— «Meu Pai; porque não me falou assim há mais tempo?» perguntou, de súbito, Fernando. «As suas boas palavras deram uma reacção ao meu espírito e sinto agora a louca alegria de o ajudar, de trabalhar a seu lado, de não o deixar um momento.»

Mas o Pai, com um triste sorriso em que transparecia o profundo conhecimento do espírito do filho, atalhou dizendo:

— «Não, Fernando. Os temperamentos não se modificam dum momento para o outro; o que devem é ser aplicados nas devidas funções.»

Parece-te, agora, que me seguirias no mar, alegremente, mas, ao brutal contacto da realidade, a tua alegria desfazer-se-ia como a espuma das vagas. Tu nasceste para diferente destino e, se não houvessem estes milagres da natureza, acabar-se-iam os espíritos eleitos. Só lamento, meu filho, que tenhas nascido em tão miserável berço.

Mas ouve; eu não vim falar contigo, apenas para te fazer chorar e te deixar, depois, num abismo ainda mais profundo. Ouve, Fernando: a grande custo consegui amealhar umas economias, que, avaramente, tenho destinado para ti. Como não posso dar-te o futuro principesco que merecias, desejo, ao menos, melhorar-te a situação.

Nós temos, em Lisboa, aqueles primos Gonçalves, que são almas direitas e te receberão de braços abertos. Têm bom negócio: — grande armazem de mercearia, numa frequentada rua da Baixa e esperam por ti para te pôr ao balcão. Dão-te cama, mesa; a prima trata-te da roupa e ainda recibes ordenado. Eles iam, exactamente agora, meter um empregado e preferem-te por seres pessoa de família e, portanto, de absoluta confiança.

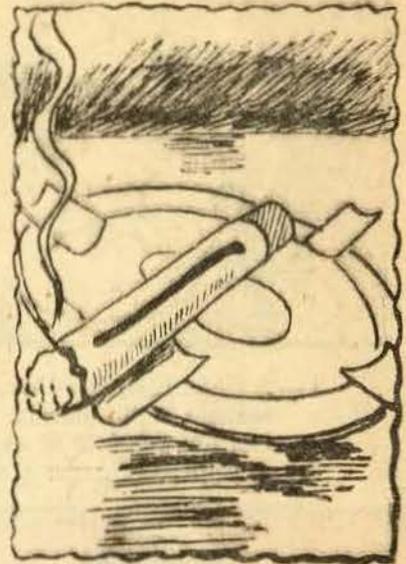
Tens aqui o dinheiro para a passagem. Toma-o. Só o que te peço, Fernando, é que sejas sempre honesto nas tuas contas. Vais ter uma vida mais calma e acçada. No entanto, tens que trabalhar, já que o destino te fez nascer pobre, meu filho».

(Continua no próximo número)

HORA DE RECREIO

A DIVINHA

Qual a coisa qual é ela?



Fui verde e animada outrora
e em castanho transformado,
vestem-me de branco agora
p'ra me ver morrer queimado

PALAVRAS CRUZADAS



D. AFONSO
HENRIQUES

EM LAVAVARES
OCIRAS 934

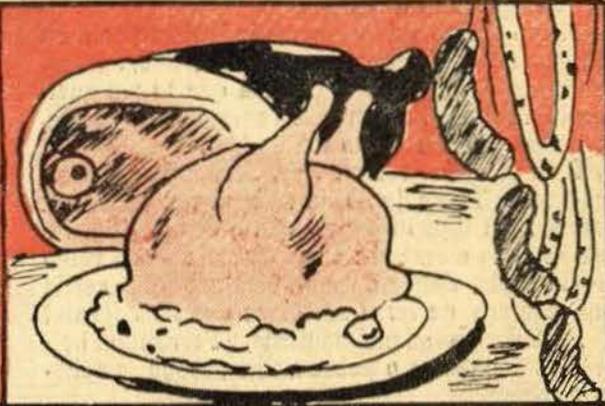
HORISONTAIS — 1, consoante; 2, nota musical; 3, Cidade Portuguesa; 4, ave columbina; 5, vogal; 6, vogal; 9, de rei; 10, rio pequeno; 11, aqui.

VERTICAIS — 1, rio português; 2, a estrela mais proxima da terra; 3, rio italiano; 4, consoante; 5, substantivo francês; 6, continente; 7, verbo ser; 8, nome do Deus maometano; 12, vogal.

RECEITA ACERTADA



I— A Dona Eleutéria Feio,
senhora muito nutrida,
tem um desgosto na vida:
— pesar cem quilos e meio!



II— Sua gordura dá brado
e até de troça é motivo.
Seu apetite excessivo,
foi que a pôs naquele estado.



III— Devido ao seu grande peso,
caminha dificilmente,
fazendo rir toda a gente,
o seu corpo assás obeso.



IV— Ao ver-se naquele estado,
a suar as estopinhas,
resolve ir ao Doutor Vinhas,
que era um médico afamado.



V— «O cansaço me consome...
Dou dois passos, canso logo!
— (diz-lhe ela num desafio)
Diga-me, o que acha que eu tome?»



VI— Volve o doutor que sorri,
sem saber que receitar:
«Acho que deve tomar,
sempre que sai, um «Taxi».